



A RECEPÇÃO CRÍTICA DO MOVIMENTO
SIMBOLISTA NAS PÁGINAS DO JORNAL CEARENSE
O PÃO (1892-1896)

LUCIANA BRITO

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Diretora e Professora do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/JAC) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Contato: lbrito@uenp.edu.br

A RECEPÇÃO CRÍTICA DO MOVIMENTO SIMBOLISTA NAS PÁGINAS DO JORNAL CEARENSE *O PÃO* (1892-1896)

Luciana Brito

RESUMO: O artigo em questão tem por objetivo estudar a recepção crítica do movimento simbolista nas páginas do jornal cearense *O Pão* (1892-1896), um dos órgãos literários que mais colaborou para a consolidação das Letras e das Artes no Ceará. Foi nas colunas deste jornal, onde ecleticamente conviviam diversas tendências estéticas, que os poetas Lopes Filho, autor de *Fantos* (1893), e Lívio Barreto, autor de *Dolentes* (1897), e o contista Cabral de Alencar, publicaram seus primeiros textos simbolistas. Entretanto, alguns dos redatores do jornal, como é o caso de Antônio Sales, atacam impiedosamente o Simbolismo nacional. Vale ressaltar que tal ação é uma resposta a ataques vindos de outras revistas simbolistas espalhadas pelo país, como é o caso da *Tebaida*, órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro, mas a nova escola é que passa a ser alvo das censuras dos redatores de *O Pão*.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção crítica; Imprensa; Simbolismo; *O Pão*.

THE CRITICAL RECEPTION OF THE SYMBOLIST MOVEMENT IN THE PAGES OF THE CEARENSE NEWSPAPER *O PÃO* (1892-1896)

ABSTRACT: The article aims to study the critical reception of the Symbolist movement on the pages of the newspaper from Ceará, *O Pão* (1892-1896), a literary group which most contributed to the consolidation of Letters and Arts in Ceará. It was on the pages of this newspaper that different aesthetic tendencies like the poets Lopes Filho, the author of *Fantos* (1893) and Livy Baker, the author of *Dolentes* (1897), and the storyteller Cabral de Alencar published their first texts. However, some editors of the newspaper as Antonio Sales, mercilessly attack the national symbolism. It is important to emphasise that such action is a response to attacks from other Symbolist magazines across the country, as *Tebaida* from Rio de Janeiro, but it is the new school that becomes the focus of censure by the editors of *O Pão*.

KEYWORDS: Critical reception; Press; Symbolism; *O Pão*.

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, apesar de vários fatores concorrerem para o declínio econômico e político do Ceará, a atividade artística, principalmente a literária, foi intensa e fecunda em Fortaleza. Vários intelectuais formavam agremiações, espaços de sociabilidade onde discutiam os mais variados assuntos, principalmente os literários. O escritor cearense Leonardo Mota (1938), procurando fazer um levantamento das academias e grêmios literários que surgiram entre 1870 e 1939, responsáveis pela propagação das letras no Ceará, concluiu que, de 1870 até 1900, foram trinta e sete os grupos que atuaram no contexto intelectual cearense, sendo que a maior parte surge na cidade de Fortaleza. E, segundo diversos estudiosos, como é o caso de Dolor Barreira (1948), foi de extrema importância para a história da literatura cearense as revistas e jornais literários veiculados por essas agremiações.

O Ceará não podia eximir-se à proliferação das academias ou agremiações literárias em voga na Europa desde o século XVII e no país desde o século XVIII. Além disso, há outro motivo que também explica o aparecimento dessas sociedades na província: não havia no Ceará nenhum estímulo às produções intelectuais e artísticas bem como à publicação de livros. Sendo assim, intelectuais reuniam-se em agremiações em Fortaleza, tendo como intuito promover a fermentação de ideias, o gosto artístico e, principalmente, a formação de um público leitor. Para tanto, lançavam jornais e revistas em que publicavam os mais diversos tipos de textos que “além de sanar os problemas relacionados com as dificuldades eventuais de edição da obra em volume [...] também era uma interessante oportunidade [...] de lançar uma espécie de balão de ensaio, através do qual poderiam sondar a aceitação do público” (BRITO, 2003, p.60).

Referindo-se às causas que determinaram o surgimento dessas sociedades na Capital cearense e sua grande importância intelectual, escreveu Pessoa no final do século XIX:

[...] essas agremiações não deixam de ser interessantes e até certo ponto se justificam. No meio provinciano falece de todo o estímulo a qualquer produção de arte. [...] Não há como se celebrar um gênio, fulgindo nessas colunas febris, consagradas a fins mais altos que acolher lucubrações literárias. Depois, o poeta, que é amanuense do governo, não tem guarida no jornal da oposição, e contista, que frequenta os salões e namora a filha do chefe político em oposição, nunca achará agasalho na folha oficial. A publicação de livros é um martírio: o preço da edição – exorbitante, e ninguém quer ou sabe lê-los, quanto mais comprá-los (PESSOA *apud* BARREIRA, 1948, p.63).

Pessoa sabia das dificuldades do meio, inclusive fez parte de uma dessas agremiações que procuravam sacudir Fortaleza, o Centro Literário¹. Intelectuais como ele, ou seja, que tinham interesse em publicar suas ideias, só encontravam certo desafogo nessas sociedades, nas quais discutiam variados assuntos, reuniam-se para lerem suas produções, fundavam jornais e revistas, desenvolviam seus talentos e partiam para voos mais largos, pois, afinal, vários escritores cearenses renomados, reconhecidos em todo o país, no início de suas carreiras, fizeram parte desses grupos, como é o caso de Juvenal Galeno, Araripe Junior, Rocha Lima, Tomás Pompeu, Adolfo Caminha, Antônio Sales, Oliveira Paiva, dentre outros.

Dentre essas sociedades algumas tiveram existência curta e efêmera, outras intensa e fecunda, como é o caso da Padaria Espiritual² (1892-1898). Apesar do espírito jovial e brincalhão dos seus idealizadores, a verdade é que a Padaria Espiritual contribuiu muito para a promoção da literatura cearense. Além de ter lançado o jornal *O Pão*³, em que foram publicados vários contos, fragmentos e capítulos de romances, crônicas, poemas e textos de crítica literária, também foi a responsável pela publicação de um número considerável de livros.

¹ Em 27 de setembro de 1894, surge o Centro Literário, tendo como sócios fundadores Juvenal Galeno, Viana de Carvalho, Temístocles Machado, Papi Júnior, Álvaro Martins, Luiz Agassiz, Pedro Moniz, Alves Lima, Alfredo Severo, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Frota Pessoa, Alcides Mendes, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, José Olímpio, Eduardo Sabóia, Francisco Barreto, Tancredo de Melo, Almeida Braga e Belfort Teixeira (MOTA, 1932). De acordo com Mota (1932), o Centro Literário originou-se do afastamento de Álvaro Martins e Temístocles Machado da Padaria Espiritual. O Centro, que durou dez anos, organizou conferências literárias, editou obras, criou a revista *Iracema*, que lançou durante dois anos inúmeros textos, e prestou auxílio a grupos congêneres.

² A Padaria Espiritual surge, em 1892, das reuniões de um grupo de rapazes que se reuniam nas mesas do Café Java, um quiosque que ficava no centro de Fortaleza, para falar de literatura. O intuito maior do grupo era despertar nos cearenses, como fora de interesse de outras sociedades literárias, o gosto artístico, principalmente literário. Todavia, como já havia precedentes de sociedades literárias, muitas delas de traços tradicionais, então os integrantes da Padaria Espiritual, em especial seu idealizador, Antônio Sales, decidiram produzir algo original e, se necessário, até mesmo escandaloso, mas que repercutisse entre os cearenses. Desse modo, Antônio Sales deu um nome original ao grêmio, Padaria Espiritual, e, em seguida, elaborou seu inovador programa de instalação, que foi um verdadeiro sucesso.

³ Preocupados em divulgar suas ideias e obras e, inclusive, impor-se socialmente, era natural que os idealizadores da Padaria espiritual tivessem um jornal que fosse porta-voz dos seus interesses. A ideia de “O Pão” surgiu junto com a ideia da “Padaria”, pois era difícil conceber uma sociedade literária sem um jornal que divulgasse as ideias inovadoras do grupo. *O Pão*, assim como a Padaria Espiritual, teve duas fases, a primeira, em que foram publicados os seis primeiros números, vai de julho a novembro de 1894. A segunda, em que há um diretor, Antônio Sales, e um gerente, Sabino Batista (1868-1899), inicia-se em 1895 e vai até 1896, e apresenta trinta números. No primeiro número dessa nova fase, há um artigo que explica a ausência assim como o retorno do jornal, que volta mais circunspeto e mais forte, e o mais importante, com novos “obreiros”, ou seja, novos sócios e correspondentes. Nesta fase, os redatores, cheios de otimismo e orgulho, apresentam-se satisfeitos com o jornal e a agremiação, já, então, reconhecida em todo o país e dispendo de sócio-correspondentes nacionais e estrangeiros. *O Pão*, que era enviado a todas as sociedades literárias brasileiras, devido à sua excentricidade, despertava a simpatia pública.

A ESTÉTICA SIMBOLISTA NAS PÁGINAS DO JORNAL O PÃO (1892-1896)

Foi nas colunas d'O *Pão*, onde ecleticamente conviviam diversas tendências estéticas (Romantismo, Realismo, Naturalismo e Parnasianismo), que os poetas Lopes Filho, autor de *Fantos* (1893), e Lívio Barreto, autor de *Dolentes* (1897), e o contista Cabral de Alencar, publicaram seus primeiros textos simbolistas. Todavia, alguns redatores do jornal escrevem críticas severas ao Simbolismo nacional. Vale dizer que tal ação é uma resposta a ataques vindos de fora, mas a nova estética é que passa a ser alvo das censuras dos redatores. É o caso, por exemplo, do artigo "Uma agressão", publicado no n.º 18, em que Antônio Sales, poeta e romancista realista-naturalista, ataca impiedosamente Alves de Faria, poeta alagoano que pontificava na revista *Tebaida* (órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro), que além de escrever uma carta criticando duramente o segundo livro de Antonio Sales, as *Trovas do Norte*, também mencionou a destruição da Padaria Espiritual. Diz Sales, em certo momento do seu artigo, que a carta que Alves de Faria lhe remeteu é um atestado do seu desequilíbrio mental, pois há muito tempo ele "não via tanta asneira junta" (SALES, 1895, p. 02). Como o caluniador também havia censurado, no mesmo artigo, Olavo Bilac, Afonso Celso, Artur Azevedo, Carlos Dias e Coelho Neto, Antônio Sales comenta que é um regalo ser sovado em tão boa companhia.

Alves Faria, ao mencionar a destruição da Padaria Espiritual em um de seus artigos, afirma:

Alongando o olhar até esse pedaço de Norte para onde a ciência hidráulica conseguiu fazer derivar um cristalino veio, calmo e doce, da fonte Cristalina, parece-nos ver a imagem da Arte, quente e fumegante do forno da Padaria Espiritual, ereta em meio de um cesto de bolos e conduzida sobre um chiante carro de bois!
E como ela vai desfigurada! Vemo-la inteiramente, através da distância, e nos parece antes uma condenada, lavada ao patíbulo da Crítica, triste e lacrimosa, de olhos doces e amêndoas confeitadas e lábios secos e duros de côdea! Pobrezinha! Falta-lhe apenas, para a perfeita apoteose do seu martírio, a verde cana, já sagrada à essência suavíssima (sic) da sua Doçura! (FARIAS apud CAROLLO, 1981, p. 397)

Defendendo sua agremiação, diz Antônio Sales:

Estes rapazes (padeiros) de quem S.S. fala tão desdenhosamente são artistas de finos nervos, tendo na Arte uma orientação segura e nítida, emoldurando a ideia simples e sã na estrofe ou no período singelo e claro, sem esses atavios supérfluos e requintados que alguns nevrotados (sic) inventaram com o fim de ocultar a compleição raquítica das suas produções. (SALES, 1895, p. 2)

A afirmação do crítico é genérica demais, pois não corresponde aos estilos seguidos por todo o grupo, que não era tão homogêneo assim. Basta lembrar que Lopes Filho e Lívio Barreto, dois poetas indubitavelmente simbolistas, logo nos primeiros números do jornal do grêmio, já aparecem com seus poemas repletos de pessimismo e misticismo, cuja linguagem nada tinha de nitidez e muito menos de ideia “simples e sã”. Ao interrogar sobre o que consistia a “estética literária dos nevrotados (sic) reformadores da Arte de escrever no Brasil”, no caso a estética simbolista, responde o seguinte:

Nisto simplesmente: sobre um fundo de lirismo doentio e incongruente tecer composições de formas arrevesada, de vocabulário exótico e rebuscado, com grandes gastos de maiúsculas e tudo besuntado de um misticismo piegas e de um fatalismo incoerente. (SALES, 1895, p.2)

O “lirismo doentio e incongruente”, o “vocabulário exótico e rebuscado”, o “misticismo” e o “fatalismo incoerente” da estética simbolista, iam contra o ideal de arte defendido pelo crítico, cujas raízes eram calcadas na objetividade dos temas e na clareza da linguagem. No final do texto, conclui que a Padaria Espiritual não deve ser “banida” como afirma Alves de Faria, mas sim essa “igrejinha simbolista” (a *Tebaida*), “a bem do bom senso e do bom gosto” (SALES, 1895, p. 2). Neste fragmento, ocorre uma referência à famosa Questão Coimbrã, polêmica travada entre românticos e realistas, em Portugal, durante a segunda metade o século XIX. Os românticos, representados por Feliciano de Castilho, criticaram um grupo de jovens da Universidade de Coimbra, que defendiam novas ideias, diga-se, realistas. Antero de Quental, um desses jovens, rebate as críticas dos românticos com uma carta aberta conhecida por *Bom Senso e Bom Gosto*. Essa polêmica só se definiria mais tarde com as Conferências do Cassino Lisbonense, proferidas por Antero de Quental, Eça de Queirós e outros. Tal acontecimento entrou para a história de Portugal com o nome de Questão Coimbrã e marca oficialmente o início do Realismo na Península Ibérica. Assim como os portugueses, os membros de *O Pão* e da *Tebaida* também realizaram inúmeras trocas de ofensas através de seus respectivos jornais.

A seção “Carteira”, no mesmo número em que Antônio Sales responde às críticas de Alves de Faria, tratando de Carlos Dias, que teria também atacado a *Tebaida*, informa haver este pintado “a debandada que vai por aquele viveiro de gênios, do qual já se desligaram Cruz e Sousa, B. Lopes e outros” (CARTEIRA, 1895, p. 3). E, aludindo à união existente entre os literatos do jornal *O Pão*, diz a seção: “Desunidos, eles não podem ver com bons olhos a união dos outros” (CARTEIRA, 1895, p. 3).

A mesma seção, no número seguinte, o 19, volta a falar da revista *Tebaida* que certamente continuava insultando a Padaria Espiritual. Diz ela: “[...] esses decadentistas de meia tigela sempre

que discutem arrepanham (sic) sua túnica de romeiros e deixam ver o paletó sovado e gorduroso de capadócios (sic)” (CARTEIRA, 1895, p. 2)

Os ataques continuam no n.º 20, Bruno Jaci, isto é, José Carlos Júnior, publica um artigo muito expressivo intitulado “Com a Tebaida” respondendo às ofensas que um dos integrantes da revista *Tebaida* (órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro), cujo pseudônimo era “Pedro, o eremita”, lançara sobre a Padaria Espiritual. O padeiro inicia seu texto comentando que em um hospital “de doidos” na Inglaterra, estava sendo publicado um jornal redigido pelos próprios pacientes e quando recebeu o primeiro número do jornal *A Tebaida*, descobriu que estava diante do mesmo tipo de jornal. Para ele, a única diferença existente entre ambos é que os redatores de um estão recolhidos em um hospício, enquanto que os do outro andam soltos. Depois diz que: “Excetuadas duas ou três composições em que na Tebaida há senso comum, o mais é tudo coisa de nefelibatas, simbolistas, estradeiros de Santiago, etc.” (JÚNIOR, 1895, p. 2)

Ao atacar os integrantes da *Tebaida* que haviam denegrido a imagem da Padaria Espiritual na imprensa carioca, o crítico acaba por insultar o movimento simbolista, na medida em que menciona, pejorativamente, os vocábulos “nefelibata”, “simbolista” e “estradeiros de Santiago”. O alvo dos ataques passa a ser o movimento como um todo. A terminologia utilizada para referir-se ao movimento, estrutura-se através do emprego pejorativo de termos que têm um significado de provocação, de conotação moralista, sarcástica e pejorativa. O crítico, não se libertando dos clichês tão em voga no momento entre os ensaístas que se referiram ao Simbolismo, não consegue apreender as inovações da nova estética. Ao ler o movimento, fez uso dos clichês que a crítica da época tanto apresentava nas suas apreciações dedicadas às obras simbolistas.

O intenso uso de clichês e estereótipos por parte de muitos dos críticos que se referiram à corrente novista talvez possa ser resultado do fato de que a promoção do Simbolismo na literatura brasileira ocorre através de uma inquietação cultural que inseriu notícias e informações divulgando as últimas transformações operadas na literatura europeia, ligadas ao esgotamento das tendências estéticas orientadas pela concepção cientificista do mundo. São informações nem sempre esclarecedoras sobre o movimento na França, obtidos através do acesso a revistas e jornais ou da leitura de algumas poucas obras que dificilmente poderiam permitir uma visão satisfatória das novas posições. Daí a existência de clichês, de estereótipos, de informações genéricas nos textos críticos que comentavam a chegada da nova estética.

A muitos pode parecer estranho o fato de a Padaria Espiritual (que tem sido considerada por alguns estudiosos, aliás, erroneamente, um grupo simbolista) lançar tão terríveis ataques aos cultores da nova seita, tendo em seu seio pelo menos dois poetas indubitavelmente simbolistas:

Lopes Filho e Lívio Barreto. E parece mais estranha ainda a inclusão, no n.º 22 de *O Pão*, de um texto em que o próprio Lopes Filho, autor do primeiro livro simbolista cearense, justamente ao elogiar os *Mármore*s, de Francisca Júlia, faz censura aos simbolistas do Sul do país. Depois de exaltar na jovem escritora os seus “versos corretos”, diz o poeta dos *Fantos*:

Cruz e Sousa e outros, ultimamente, no Rio de Janeiro, têm-se constituído os arautos do decadismo; mas em quase todos esses moços – excetuando B. Lopes, Afonso Guimarães e Emiliano de Menezes – reina a mais bem acabada vocação artística para... para copiarem servilmente os novos de Portugal e França. (FILHO, 1895, p. 04)

Deve-se advertir, entretanto, que já iam bem longe os tempos em que, sem conhecimento do que faziam os primeiros simbolistas do Paraná ou do Rio de Janeiro, Lopes Filho compunha os versos de seu livro ao influxo do Simbolismo português. Com o tempo, o padeiro foi, aos poucos, fugindo da ortodoxia da escola, apesar de nunca ter perdido os tons crepusculares do Simbolismo ou o pessimismo do Decadentismo. Junta-se a isso o fato do Pedro, da *Tebaida*, havê-lo atacado, a ele e a seu livro, o *Fantos*, duramente, como se pode ver no fragmento abaixo:

A Padaria Espiritual e o Centro do mesmo nome são fábricas de rosas colossais, manejadas no grande forno do espírito Cearense pela pá do Sr. Antônio Sales, um padeiro de avental e cafurinha branca na cabeça, muito suado pelo calor do seu talento, enquanto o Sr. Lopes Filho agarra-se ao badalo colossal dos *Fantos* e dobra-o e redobra-o pavorosamente, de tal modo que o som se espalha pelo Norte até a extrema latitude setentrional do Brasil e desce Sul abaixo até as fronteiras com o Rio da Prata, como se fosse um Quasímodo das Letras, disforme, anguloso, corcunda, endemasiado (sic), cheio da grimace (sic) fantástica do Som. (FARIAS apud CAROLLO, 1981, p. 397)

Tudo isso leva a crer que os seguidores da mesma corrente estética não se entendiam muito bem, o que, aliás, não é de se estranhar entre literatos. Apesar de que esses ataques ao Simbolismo, existentes nos artigos publicados em *O Pão* e escritos por Antônio Sales, José Carlos Júnior e pelo próprio Lopes Filho, podem ser explicados à luz da história.

Em geral, uma revolução poética longe de ser resultado de um processo de sucessão amigável, supõe uma longa fase de lutas, polêmicas e debates, decorrentes da reação natural de um sistema até então dominante. E o movimento simbolista não fugiu a essa regra. Todavia, paralelamente a essa reação natural, o movimento simbolista conviveu com outros problemas de adaptação. O peso ideológico que marca desde cedo a literatura brasileira acaba sendo talvez o dado fundamental para compreendermos a chegada da nova estética. Era preciso “criar” uma realidade nacional, e a literatura ocupava um lugar privilegiado no campo da produção de bens

simbólicos. A ideologia romântica do “nacionalismo artístico” acabou por levar a criação artística a ser entendida como prova da capacidade nacional. Sendo assim, as correntes que, desde o início do século XIX, orientam a produção literária brasileira são nacionalismo e nativismo.

No âmbito literário, a necessidade de afirmação e participação do/no contexto nacional só eram possíveis mediante a utilização de uma linguagem que oferecesse alto grau de legibilidade calcada no pretexto patriótico e no papel didático que o literato deveria assumir, como afirma Antonio Candido:

Correspondendo aos públicos pequenos e singelos a nossa literatura foi geralmente acessível como poucas, pois até o Modernismo não houve aqui escritor realmente difícil, a não ser a dificuldade fácil do rebuscamento verbal [...] A constituição do patriotismo como pretexto, e a conseqüente adoração pelo escritor do papel didático de quem contribuiu para a coletividade, deve ter favorecido a legibilidade das obras. Tornar-se legível pelo conformismo aos padrões correntes; exprimir os anseios de todos, dar testemunho sobre o país; exprimir ou reproduzir sua realidade [...] (CANDIDO, 1965, p.102)

Desse modo, ao mesmo tempo em que se favoreciam as obras literárias que estabelecessem a legibilidade do real, no fundo o ideal de nacionalidade, reprimiam-se as obras de invenção, pois estas não correspondiam adequadamente à função que o modelo de linguagem legível e verossímil, oriunda do Romantismo, Realismo/Naturalismo e Parnasianismo, vinham preenchendo no que diz respeito a uma visão do real, do nacional. Ainda segundo Antonio Candido “Não espanta que os autores brasileiros tenham pouco de gratuidade que dá asas às obras de arte; e, ao contrário, muito da fidelidade documentária ou sentimental, que vincula a experiência bruta.” (CANDIDO, 1965, p.103)

Neste contexto, cujas linhas mestras giravam em torno da referencialidade e da legibilidade do objeto literário, o artificialismo, tomado como verdadeira cosmovisão anti-naturalista, a sensibilidade “*névrosée*”, o gosto pelo vago e pelo indefinido, o esteticismo e sobretudo a linguagem poética rejeitando a objetividade e os padrões de estruturação lógica, associados ao gosto pelo mistério e hermetismo, próprios da corrente simbolista, - que aparece em grande parte como o começo do movimento de construção de uma linguagem não representativa – não poderiam ser facilmente adequados à realidade da literatura brasileira. O modelo simbolista representava a tomada de consciência dos limites da linguagem representativa. Ora, essa posição implicava um questionamento não só da possibilidade da reprodução realista, mas do próprio real, visto como algo não apreensível racionalmente. Ao passo que, no caso da literatura brasileira, o momento era o de estabelecer modelos de linguagem que favorecessem a legibilidade do real, do nacional, que assegurassem uma linguagem nacional e não uma crise desses modelos. Wilson Martins, ao tratar da literatura brasileira no final do século XIX, esclarece:

É que, contrariando as polarizações fáceis dos manuais, não só o Simbolismo estava longe de ser uma corrente predominante em 1894 (na verdade jamais chegaria a sê-lo), como, ainda, e talvez por isso mesmo, havia um anti-Simbolismo ao lado do Simbolismo. (MARTINS, 1978, p. 450)

Esse “anti-Simbolismo” a que se refere o escritor seria formado, em sua maioria, pelos críticos naturalistas e positivistas que dominaram grande parte do século XIX e tiveram seus pressupostos colocados em questão pelo aparecimento das obras simbolistas que, além de não se ajustarem as suas lentes naturalistas e positivistas, fizeram do desajustamento uma antirrepresentação, apontando, desse modo para os desvios entre literatura e história e, por consequência, para a crise dos métodos historiográficos. Daí a existência de inúmeros comentários incompreensíveis ou ataques à corrente simbolista por parte dos críticos, uma vez que as discussões tinham pouco de considerações polêmicas em torno de ideias e teorias de ordem literária e estética. A figura de Cruz e Sousa, alvo dos ataques mais fortes, é também o exemplo do rumo tomado pela luta: poucas indagações literárias, muitas ofensas pessoais e zombarias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser visto, na fase em que o conceito de Decadentismo e Simbolismo circula como informação, isto é, principalmente entre 1887-94, a crítica naturalista, dirigida pelos pressupostos metodológicos de base cientificista, converge seus esforços para preocupações orientadas pelo critério de nacionalidade e para estudos interessados pelos métodos historiográficos. Com exceção de Araripe Júnior, cuja crítica distingue-se pela inclinação natural pelo ecletismo, pela formação humanista, os principais representantes da crítica estão voltados para a historiografia literária. É verdade que José Veríssimo, como crítico militante que foi, terá uma relação mais direta com os simbolistas, porém sua atuação ocorre numa fase em que a notícia do movimento já deixara de ser novidade, sendo interesse do crítico a avaliação de obras, ficando implícitas as considerações sobre a teoria da nova estética.

Este tipo de comportamento perante a corrente simbolista não é caso isolado da literatura brasileira pois ocorre nas demais literaturas, não sendo raro o crítico que deixe de deplorar a obscuridade, o artificialismo, a sensibilidade *névrosée*, e o relaxamento das regras prosódicas por parte dos decadentistas. Todavia, no caso da literatura europeia, os traços que iriam mais tarde ser radicalizados pelos simbolistas, no sentido de uma mudança na função poética da linguagem, já estavam

delineados – diferentemente do que ocorre no contexto brasileiro – através de uma necessidade natural, por parte dos europeus, de libertar a linguagem de seu compromisso com a representação. As diferenças contextuais no caso da literatura europeia e brasileira são gritantes, e muitos críticos conseguem captar isso, inclusive o padreiro Antônio Sales que acaba por afirmar o seguinte:

É este o espetáculo que nos oferece a intelectualidade européia, que nós começamos a macaquear como se estivéssemos nas mesmas desgraçadas condições psicológicas e sociais a que chegaram povos gastos pelo atrito de tantos anos de civilização crescente e devoradora. Não há dúvida que a moléstia do século começa a minar a intelectualidade brasileira, moléstia que não apareceu espontaneamente, mas que importamos mui simplesmente como se fosse um objeto da moda. (SALES, 1895, p. 05)

O processo de repetir e absorver superficialmente os modelos de linguagem “como se fosse um objeto da moda” que a Europa urbanizada e industrializada envia é um dado que instiga o padreiro, pois diz respeito a nossa situação de colonizados, na medida em que tal processo revela um dos aspectos do sistema imitativo de uma literatura considerada periférica, assim como seu país. Foi possível a Antônio Sales perceber, de uma maneira fecunda, a questão da importação de modelos – mecanismo indispensável, mas insuficiente como se dava entre nós –, algo que era e ainda é, a pedra de toque de certa “consciência nacional”. Em outras palavras, ele percebe uma transposição imitativa de fórmulas, o que não é o mesmo que uma recriação.

No caso específico da Padaria Espiritual, os ataques ao Simbolismo, principalmente aos grupos simbolistas que aqui se formaram, além de serem resultado de diferenças estético-literárias também são consequência de outra polêmica. Trata-se da polêmica Norte/Sul que envolveu grande parte dos escritores renomados na defesa da literatura do Norte, enquanto os do Sul proclamavam a literatura sulista como verdadeira manifestação do novo pensamento. No caso, a Padaria Espiritual representava o Norte e a revista *Tebaida*, órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro, o Sul. Afirmando estarem em defesa dos ideais estéticos, os integrantes da *Tebaida* desenvolveram intensa campanha contra o grupo cearense da Padaria Espiritual que, como era natural, respondeu aos ataques. Com o tempo, as ofensas que ficavam inicialmente, por parte dos padreiros, ao nível pessoal, passam a ter como alvo o movimento simbolista em geral, como se viu no início do texto com os fragmentos transcritos dos artigos publicados nas páginas de *O Pão*.

Vários fatores concorreram para que o movimento simbolista não fosse bem visto pelos padreiros e recebesse deles várias críticas. Mas o principal fator vai além dos interesses meramente pessoais ou regionais, como é o caso da polêmica Norte/Sul. Como já foi dito anteriormente, o que realmente inviabilizou a adaptação da corrente aqui no Brasil diz respeito à barreira imposta à obra de

invenção que não correspondia aos modelos literários pré-estabelecidos, baseados na legibilidade de um “certo real”, através dos quais pudesse ser elaborado uma representação da realidade brasileira, necessária para a formação de uma consciência nacional. Desse modo, apontando o que é brasileiro, o escritor passa a ser visto como o porta-voz da nacionalidade. Ao lado desse veto implícito/explicito à obra simbolista, ao que é ficcional, caberia talvez apontar que ele é reforçado por outras razões: na medida em que é enfatizado o documental, a “realidade” de que a obra pretende ser o retrato, ocorre uma ausência de indagação crítica, reflexiva por parte dos leitores, ao passo que o ficcional exige uma resposta ativa, de curiosidade filosófica do receptor, que o leva a inquirir sobre sua noção de realidade, contrária a uma formação autoritária, conservadora que acaba por influenciar o caráter da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.
- BRITO, Luciana. **O Pão... da Padaria Espiritual (1892-1896) e sua produção crítica**. 2003.148 f. (+ anexo). Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965.
- CARLOS JÚNIOR, José. Com a *Tebaida*. **O Pão**, Fortaleza, n.º 20, 15 de julho de 1895.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Decadentismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética**. Brasília: INL_Mec; Rio de Janeiro: LTC-Livro Técnicos e Científicos, 1981, vol. I.
- CARTEIRA. **O Pão**, Fortaleza, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 3.
- _____. **O Pão**, Fortaleza, n.º 19, 1 de julho de 1895, p. 2.
- LOPES FILHO. Mármore. **O Pão**, Fortaleza, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p.4.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978, v.4.
- MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edésio, 1938.
- SALES, Antônio. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, n.º 13, 01 de abril de 1895, p. 5.
- _____. Uma agressão. **O Pão**, Fortaleza, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 2.